



RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE A PLATAFORMIZAÇÃO EM AULAS DE LÍNGUA INGLESA NO ENSINO PÚBLICO PAULISTA

Eduarda Magossi Gonçalves¹

Fernanda de Abreu Sandoval²

Luana Pagotto Paschoalin³

Aline Celestino dos Santos⁴

Joceli Catarina Stassi Sé⁵

RESUMO

Este relato de experiência tem como objetivo discorrer sobre as vivências das estagiárias do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência do PIBID/UFSCAR em turmas de língua inglesa, em escola pública do estado de São Paulo, com foco na utilização da plataforma *Speak*. Considerando a obrigatoriedade do cumprimento de metas impostas pelas plataformas digitais, sobretudo nas escolas de período integral do estado de São Paulo, o texto busca analisar as consequências da implementação dessas plataformas no ensino e aprendizagem ao longo dos nove meses de vigência do edital, até o momento da elaboração deste relato. Como referencial teórico-metodológico, adotamos, sob a ótica da precarização do trabalho docente, os estudos de Cavazzani, Santos e Lopes (2024), e, para discutir o fenômeno da platformização da educação, os aportes de Poell, Nieborg e Van Dijck (2019). A investigação também se ancora em uma perspectiva vygotskiana (1962) e na teoria sociointeracionista da aprendizagem, aplicada ao ensino de línguas estrangeiras, a fim de compreender as consequências percebidas pelos estudantes do ensino fundamental – anos finais – e do ensino médio.

Palavras-chave: plataformação, ensino-aprendizagem, língua inglesa, plataformas digitais.

¹Graduando do Curso de Licenciatura em Letras - Português e Inglês da Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, eduardamagossi@estudante.ufscar.br;

²Graduando pelo Curso de Licenciatura em Letras - Português e Inglês da Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, fernandasandoval@estudante.ufscar.br;

³Graduando pelo Curso de Licenciatura em Letras - Português e Inglês da Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, luanapaschoalin@estudante.ufscar.br;

⁴Professor orientador: Mestre em Língua Inglesa, Universidade Estadual Paulista de Araraquara - Unesp, aline78dossantos@gmail.com

⁵Professor orientador: Doutorado em Estudos Linguísticos, Universidade Estadual Paulista - Unesp, jocelistassise@ufscar.br.



INTRODUÇÃO

O cenário atual da educação brasileira enfrenta diversos desafios. Dentre eles, o sucateamento do trabalho docente diante da plataformização, a qual tem empregado mudanças significativas. Se antes o papel do professor era planejar e lecionar, agora consiste num papel diversificado, pois é preciso mostrar domínio de ferramentas digitais para aplicar os conteúdos aos alunos de maneira efetiva. Entretanto, na maioria das vezes, isso é feito sem nenhum suporte aos profissionais (Cavazzani; Lopes; Santos, 2024).

Diante do processo de plataformização e precarização do trabalho docente, é preciso considerar o processo que culminou na atual conjuntura educacional. Assim, é possível apontar como fator de tal processo a reforma trabalhista de 2017, proposta pelo governo de Michel Temer, que expandiu as possibilidades de exploração da classe trabalhadora aos grandes empresários. Outro fator possível é a pandemia global de COVID-19, na qual os profissionais docentes precisaram rapidamente se adaptar ao uso de diversas plataformas - também conhecidas como *Learning Management Systems* (LMS) - para dar continuidade às aulas (Cavazzani; Lopes; Santos, 2024). Uma vez iniciado o processo de plataformização como recurso para que o ensino continuasse vigente na pandemia, houve a permanência no cenário pós-pandemia. Ademais, em conjunto com o processo de plataformização surgiu o viés da educação como uma forma de empreendedorismo, no qual o professor deixa de ocupar o lugar daquele que ensina e se torna um empreendedor. Logo, as aulas tornam-se produtos que devem ser vendidos e, dessa forma, deixam de priorizar a efetividade do ensino em favor do lucro (Cavazzani; Lopes; Santos, 2024).

O presente relato de experiência propõe-se a investigar os impactos do processo de plataformização no trabalho docente, considerando tanto os pontos positivos, quanto os negativos. A análise proposta abrange os aspectos teóricos relacionados às transformações de práticas docentes, assim como também traz uma abordagem empírica sobre a utilização dessas plataformas digitais no contexto escolar, e qual frente o professor toma diante dessa digitalização.

Para tanto, o objetivo deste trabalho consiste em compreender e problematizar a utilização dessas plataformas no contexto escolar, avaliar tanto os pontos positivos - como



possibilidade de tornar a educação mais democrática e acessível -, como também os pontos negativos - como as condições de vulnerabilidade em que os docentes estão inseridos. Portanto, tal relato busca evidenciar a importância de refletir criticamente acerca dos desdobramentos do uso de tais tecnologias e, dessa forma, esclarecer os desafios impostos à figura docente diante da inevitável plataformização do ensino público paulista.

Os objetivos do estudo incluem: (i) analisar o papel das plataformas digitais no processo de precarização do trabalho docente; (ii) identificar as condições de trabalho ao qual esses profissionais estão expostos e as regulamentações dessas plataformas; (iii) refletir sobre as consequências sociais, econômicas e políticas devido a essas mudanças no ensino. A metodologia adotada baseia-se em uma revisão bibliográfica e documental, análise das plataformas digitais implantadas no ensino público junto com o relato de experiências vivenciadas pelas estagiárias nos nove primeiros meses no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), considerando o contexto das turmas do ensino fundamental II e ensino médio da E. E. Jesuíno de Arruda e os impactos da plataformização na carreira docente, isso levando em consideração a plataforma *Speak* em específico.

Diante dos argumentos expostos, a presente pesquisa aponta que a crescente mercantilização da educação, as avaliações automatizadas e a ausência de segurança para os docentes (Cavazzani; Lopes; Santos, 2024) reforça a necessidade de uma reformulação das regulamentações que se mostram ineficazes e de um pensamento crítico que proteja os trabalhadores diante da educação digital. Ademais, é possível constatar que o uso ilimitado das plataformas sem ser de forma crítica se mostra prejudicial, pois reforça as desigualdades e colabora para a precarização do professor, ou seja, requer uma atenção redobrada em relação ao percurso da educação brasileira.

METODOLOGIA

Esta pesquisa apresenta-se como um **relato de experiência** de natureza **qualitativa**, tendo por objetivo principal analisar as implicações do uso da plataforma digital *Speak* no contexto do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), especificamente na área de ensino de língua inglesa em escola pública do Estado de São Paulo.





A opção pela abordagem qualitativa decorre da necessidade de compreender em profundidade as dinâmicas pedagógicas, as percepções e os desafios enfrentados pelos professores e alunos diante da plataformaização do ensino. Conforme Bogdan e Biklen (1994), a pesquisa qualitativa é adequada para captar significados, processos e contextos complexos, permitindo explorar aspectos subjetivos e interacionais que não são acessíveis por métodos quantitativos.

E a metodologia do relato de experiência foi escolhida por possibilitar a descrição e a reflexão crítica das práticas pedagógicas vivenciadas pelas estagiárias no cotidiano escolar, ampliando a compreensão sobre as transformações decorrentes da introdução da plataforma *Speak*, em uma escola de pública do Estado de São Paulo de período integral, com turmas de Ensino Fundamental – Anos Finais – e Ensino Médio.

A pesquisa envolveu os seguintes participantes:

- Estagiárias bolsistas do PIBID, responsáveis pela observação das aulas e pela mediação entre os alunos e a plataforma digital;
- Professora supervisora, que acompanhou e orientou as estagiárias ao longo dos nove meses de edital e em todas as atividades pedagógicas desenvolvidas;
- Alunos que interagem diretamente com a plataforma *Speak* durante as aulas.

A escolha de tais participantes baseou-se no critério de observação das estagiárias, priorizando os sujeitos diretamente envolvidos no processo de ensino-aprendizagem mediado pela plataforma. Ou seja, este relato é baseado na experimentação da sala de aula pelas estagiárias do PIBID.

E, para garantir uma coleta de dados abrangente, diversificada e contextualizada, foram utilizadas as seguintes estratégias:

a) Relatório semestral:

As estagiárias utilizaram seus relatórios individuais de agosto de 2025, que contemplam reflexões sobre os nove meses de edital. Com anotações sobre as práticas pedagógicas,

percepções dos alunos, dificuldades encontradas e estratégias utilizadas para contornar os desafios impostos pela plataforma.

b)

Observação

participante:

As estagiárias participaram ativamente das aulas, o que permitiu uma observação direta e contextualizada das interações professor-aluno, aluno-aluno e aluno-plataforma, especialmente no que tange ao uso da plataforma digital e à mediação pedagógica desenvolvida.

c)

Análise

documental:

Foram analisados relatórios gerados pela plataforma *Speak* contendo dados quantitativos como desempenho e progresso dos alunos. Diariamente, as próprias estagiárias auxiliaram os alunos na resolução de exercícios e problemas técnicos da plataforma.

d)

Conversas:

As estagiárias estavam em constante diálogo com a professora supervisora e com os alunos do ensino fundamental II e ensino médio, o que possibilitou coletar dados de maneira contextualizada e autêntica. Importante ressaltar que, nesses momentos, ainda não havíamos sequer imaginado estruturar um relato de experiência para debater a platformização da educação pública paulista. Assim, obtivemos impressões subjetivas, dificuldades percebidas, potencialidades observadas e a avaliação geral do impacto da plataforma no processo educativo.

Foi somente depois desses meses de imersão em sala de aula e nas responsabilidades docentes, que procedeu-se à escolha de elaboração de um relato de experiência para refletir sobre as vivências das professoras em formação. Após escolhido o gênero textual relato, iniciou-se a leitura dos textos teóricos selecionados, acerca do tema precarização do trabalho docente, com consequência da platformização da educação, e mediação pedagógica e *scaffolding*¹.

¹ O termo *scaffolding* foi introduzido por Wood, Bruner e Ross (1976) para descrever o suporte contingente oferecido por um adulto ou tutor a um aprendiz, de modo a possibilitar que este execute uma tarefa ainda além de sua capacidade individual. A noção, inspirada na perspectiva sociocultural vigotskiana, destaca que tal apoio é temporário e deve ser gradualmente retirado à medida que o aprendiz desenvolve autonomia.



Dessa forma, este relato procurou articular as vivências e observações com os conceitos teóricos, buscando compreender como a plataforma influencia o trabalho docente, a organização das aulas e a aprendizagem dos alunos, bem como as tensões geradas pelas demandas institucionais e tecnológicas.

REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico constitui-se como a base conceitual que orienta este relato de experiência, reunindo discussões e um arcabouço que sustenta a análise. Nele, articulam-se três eixos principais de discussão.

O primeiro eixo consiste na perspectiva de Cavazzani, Santos e Lopes (2024), que discutem a precarização do trabalho docente no contexto contemporâneo, entendida como a intensificação, desvalorização e desprofissionalização das práticas educativas, especialmente quando mediadas por imposições externas. Dessa forma, a pressão para o cumprimento de metas e indicadores, característica das plataformas educacionais, pode gerar sobrecarga de trabalho e limitar a autonomia pedagógica, bem como reduzir o papel do professor a executor de demandas previamente estabelecidas pelo sistema educacional público paulista.

A plataformação da educação corresponde ao segundo eixo de análise, que conforme delineada por Poell, Nieborg e Van Dijck (2019), emerge como um fenômeno estruturante em sala de aula. Tais autores analisam como as plataformas digitais, frequentemente controladas por empresas privadas cujo funcionamento não é transparente ao público geral, reconfiguram dinâmicas pedagógicas, conteúdos e processos avaliativos, deslocando parte da autoridade docente para ecossistemas digitais que operam com lógicas de escala, estandardização e monetização. Os autores sistematizam esse conceito de ‘plataformação’, destacando como as plataformas não são apenas ferramentas técnicas, mas estruturas que reordenam relações de poder, economias de atenção e formatos de trabalho.

Assim, percebe-se que a adoção massiva de plataformas educativas tende a reconfigurar o que conta como “bom ensino” — muitas vezes privilegiando indicadores quantificáveis (número de atividades, tempos de resposta, etc.) em detrimento de dimensões qualitativas da aprendizagem.





No ensino de línguas, tal processo pode conduzir à priorização de métricas quantitativas em detrimento de aprendizagens significativas. E vale ressaltar que a plataforma Speak para prática de língua inglesa, uma startup fundada em 2016, utiliza inteligência artificial para elaborar os áudios, vídeos e exercícios que os alunos devem resolver. Ou seja, há aqui, mais um cenário que descarta a prática docente real, contextualizada e significativa na elaboração de material didático, pois padroniza todo o processo de ensino de língua inglesa sem investigar as particularidades e adaptações necessárias a cada escola com seu respectivo perfil de alunos.

Num viés prático, as plataformas podem trazer automação de correção, relatórios detalhados, testes de nível de proficiência e escalabilidade dos resultados da turma — pontos potencialmente positivos —, mas também impõem ritmos padronizados e métricas que podem não corresponder às necessidades locais da turma. Ou seja, as decisões pedagógicas passam a obedecer ao algoritmo da plataforma em vez de à análise da sala de aula feita pelo professor, com anos de estudos e experiência na licenciatura.

Dissertando mais a fundo, a literatura recente sobre trabalho docente sublinha uma tendência de precarização quando profissionais são responsabilizados por metas e indicadores fora de sua esfera de decisão - uma das professoras de inglês da escola onde o estágio tem sido realizado, por exemplo, foi despedida por não cumprir com tais metas. Cavazzani, Santos e Lopes (2024) mapeiam como iniciativas de ‘plataformização’ operam como formas de controle e sobrecarga, articulando o fenômeno à noção de *fábrica difusa* — isto é, à expansão de lógicas produtivas para esferas educacionais que antes eram regidas por critérios profissionais e pedagógicos distintos. Entre os efeitos observados estão: aumento de tarefas administrativas, perda de autonomia curricular, intensificação da prestação de contas e desvio do foco para a produção de estatísticas. Essas mudanças implicam não só desgaste profissional, mas também transformações na concepção da prática docente.

As consequências observáveis em sala de aula são diversas, e salientamos quatro delas aqui: (i) aulas orientadas por cumprimento de metas da plataforma; (ii) menor tempo para atividades abertas, colaborativas e reflexivas; (iii) pressão por “engajamento” mensurável; (iv) aumento da desigualdade entre alunos com/sem acesso domiciliar à tecnologia.



Além desses aportes, a abordagem sociointeracionista, a partir de Vygotsky (1962), coloca a interação social e a mediação por instrumentos culturais (linguagem, ferramentas) como núcleo do desenvolvimento cognitivo. Dois conceitos vygotskianos centrais para este estudo são: a mediação (a linguagem e outros signos como instrumentos que possibilitam a apropriação cultural) e a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) — o espaço entre o que o aprendiz faz sozinho e o que é capaz de realizar sob orientação. Tais conceitos reorientam o foco da pesquisa, pois não se trata apenas do que a plataforma oferece, mas de como a interação mediada (professor-aluno; aluno-aluno; plataforma-aluno) habilita ou obstrui a apropriação da língua inglesa.

Outro pilar da teoria de Vygotsky (1962) consiste no *scaffolding* - o andaime pedagógico -, termo formulado empiricamente por Wood, Bruner & Ross (1976) (e retomado por Bruner e outros), que descreve a intervenção intencional do mediador para que o aprendiz supere limites momentâneos de desempenho. Os autores identificaram funções operacionais do *scaffolding*, como orientar a atenção, reduzir a complexidade da tarefa, manter a direção da atividade, destacar características críticas, controlar frustrações e modelar ações. Essas funções delineiam práticas concretas, como a demonstração de raciocínio, a reformulação da produção em língua inglesa, a devolutiva significativa e contextualizada aos alunos. Momentos nos quais o professor pode usar para aproximar o aluno da ZDP.

Pesquisas posteriores (Fernández, 2002) mostram que o *scaffolding* não é apenas uma relação assimétrica professor-aluno; mas pode também emergir em interações simétricas entre pares (*scaffolding* mútuo) ou ser realizado por recursos tecnológicos (*scaffolding* automático), exigindo uma reavaliação do conceito para contextos colaborativos e digitais. Nota-se que as plataformas oferecem mecanismos potenciais de *scaffolding* automático: dicas contextuais, devolutiva imediata, rotas adaptativas (sequências de exercícios graduados) e tabelas de progresso. No entanto, tais mecanismos possuem limites analíticos e pedagógicos.

Portanto, a tecnologia pode complementar o trabalho do professor, mas jamais substituí-lo. O professor mediador precisa interpretar os dados da plataforma, selecionar, adaptar e intervir pedagogicamente para transformar exercícios em oportunidades de discurso significativo. A relação entre críticas à platformização (Poell *et al.*, 2019), os diagnósticos

de precarização (Cavazzani et al., 2024) e a teoria sociointeracionista (Vygotsky, 1962) com os conceitos de *scaffolding* (Wood; Bruner) oferece um quadro robusto para analisar o uso do

Speak. Tal relação permite ver além dos relatórios e métricas de resultados e focalizar a qualidade da mediação pedagógica: que tipos de apoio são oferecidos aos alunos? Como o professor converte tarefas digitais em oportunidades de fala, negociação e apropriação linguística? E, por fim, em que medida as métricas da plataforma alinharam-se — ou conflitam — com fins educacionais legítimos. As plataformas estão contribuindo na formação da futura mão de obra alienada de uma sociedade capitalista e mercadológica?

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante os nove meses de estágio, junto à análise teórica diante dos desafios e consequências da plataformação do ensino público paulista, percebe-se alguns resultados específicos divididos em três categorias principais. São elas:

1. *Scaffolding* e mediação em ambientes mediados por plataformas

As plataformas oferecem mecanismos potenciais de *scaffolding* automático, como dicas contextuais, devolutiva imediata, rotas adaptativas com sequências de exercícios graduados e tabelas de progresso. Entretanto, tais mecanismos apresentam limites analíticos e pedagógicos, tais como: (i) adaptatividade limitada, pois os algoritmos costumam basear-se em regras e perfis gerais, e raramente capturam sutilezas culturais, motivacionais e contextuais da turma; (ii) descontextualização, pois as tarefas padronizadas podem romper o vínculo entre forma e uso autêntico da língua para fins comunicativos e com função social; e (iii) falsa sensação de suporte, pois a devolutiva automatizada não equivale a mediação humana que modela pensamento, reformula, questiona e estimula metacognição, ou seja, funções centrais do *scaffolding* humano.

Portanto, a tecnologia pode complementar o trabalho do professor, mas jamais substituí-lo. O professor mediador precisa interpretar as informações fornecidas pela plataforma, além de selecionar, adaptar e intervir pedagogicamente para transformar exercícios em oportunidades de discurso significativo, contextualizado e socialmente funcional.



A partir da articulação vygotskiana e das análises sobre plataformização e precarização, o professor assume múltiplas funções cruciais, como (i) tornar-se mediador cognitivo e linguístico, pois é responsável por identificar a ZDP dos alunos, ofertar o *scaffolding* apropriado e gradualmente retirar o suporte pedagógico; (ii) ser o curador de recursos digitais, selecionando, adaptando e integrando tarefas da plataforma ao contexto sociocultural da turma; (iii) propor intervenções críticas ao questionar métricas e decidir quando as exigências da plataforma devem ser relativizadas em favor de aprendizagens mais amplas; e (iv) ser o articulador de interação ao reorganizar atividades para promover diálogos e projetos comunicativos que extrapolam exercícios mecânicos da plataforma.

Tais funções do professor exigem arcabouço profissional obtido por meio de tempo, formação, autonomia, experiência — justamente o que as lógicas de plataformização e os processos de precarização do ensino tendem a corroer.

3. A plataforma do PIBID

A plataforma *Speak* consome grande parte das aulas de língua inglesa no ensino público paulista, distorcendo todo funcionamento autônomo dos docentes e discentes. Nota-se que, no que tange à dimensão organizacional, há inúmeras exigências da secretaria de educação estadual que, hierarquicamente, é repassada às diretorias de ensino e à gestão escolar. Consequentemente, o professor é diariamente cobrado para atingir as metas pré estabelecidas por tal hierarquia, sem levar em consideração feriados, problemas estruturais ou de conexão com a internet nas escolas.

Em relação às práticas docentes, percebe-se que o professor tem atuado mais como um técnico de informática ao resolver os problemas técnicos que ocorrem com frequência na plataforma e nos equipamentos eletrônicos - mesmo que isso não seja responsabilidade do professor. Assim, retira-se a autonomia docente e a substitui por mais uma função não profissionalizada.



Além disso, na prática docente, é extremamente raro que o professor consiga atrelar os conteúdos da plataforma com as aulas de material digital, com os slides de uso obrigatório fornecidos pela Seduc-SP, pois os alunos espalham-se em diferentes níveis, lições e unidades.

Sobre as interações aluno-aluno, cada vez mais esporádicas devido ao exagero da interação aluno-plataforma, evidenciam-se exercícios de repetição oral, uso de áudios e vídeos nunca autênticos, sempre elaborados por inteligência artificial. Ou seja, tem-se a manutenção de um ensino de língua inglesa castrador, não interativo e social como preconiza Vygotsky.

Como efeito de tudo isso, os alunos demonstram-se cada vez mais desmotivados, resolvendo os exercícios da plataforma como funcionários de uma empresa ao registrarem sua frequência em máquinas de ponto. A professora supervisora, por exemplo, adotou uma técnica de reforço positivo com balas e chicletes, numa tentativa de convencer seus alunos a cumprirem as duas unidades semanais obrigatórias da plataforma, a fim de não deixar a escola, e consequentemente a si mesma, no “vermelho”. Assim, os alunos cumprem a meta, mas sempre com muitas dificuldades técnicas e de conexão, por vezes utilizando a própria conexão móvel - quando a possuem -, ou o *wi-fi* pessoal da professora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se, portanto, com os aportes teóricos relativos à precarização do trabalho docente (Cavazzani et al., 2024), as críticas à platformização (Poell et al., 2019), juntamente da teoria sociointeracionista vygotskyana e as observações realizadas em sala de aula por parte das estagiárias do PIBID, que a platformização em aulas de língua inglesa, por meio da plataforma *Speak*, vem apresentando resultados insuficientes de sucesso, incapaz de atender às necessidades dos alunos em aprender a língua estrangeira adequadamente. Foi possível observar seus resultados de maneira prática, com clareza, nas salas de aula – estudantes encontrando formas de burlar o sistema da plataforma, somente para atender as metas e sem



aprendizagem de língua estrangeira (Hyland, 2007) –, devido à descontextualização e adaptabilidade limitada de sua estrutura pronta. A experiência do professor é deixada de lado, seus saberes e conhecimentos adquiridos ao longo de anos de carreira e estudo são desvalorizados, assim como conhecimento contextual de cada sala de aula em que atua, as conexões estabelecidas com os estudante e as relações entre aluno e professor. O próprio aluno também se torna invisibilizado dentro da estrutura da plataforma, que o enxerga meramente como uma estatística a ser apresentada como sinônimo de sucesso da aplicação da plataforma, um mero reflexo da mercantilização vazia da educação.

Desse modo, conforme a pesquisa realizada, podemos observar a falha em aplicar a plataforma como elemento central no ensino público, nos obrigando a repensar o papel dessa tecnologia na educação. Não há necessidade em eliminar por completo o uso das plataformas, porém elas devem ser utilizadas de maneira consciente, crítica e contextualizada; têm de ser pensadas como ferramentas complementares, de suporte, e de maneira nenhuma substituindo o papel essencial e mediador do professor dentro da sala de aula. Devemos, acima de tudo, criar um espaço educacional onde há abertura para metodologias ativas que priorizem a interação e o contexto sociocultural dos aprendizes; do contrário, será impossível criar um ambiente verdadeiramente apto à aprendizagem genuína, reforçado pela relação dos alunos como um grupo e dos alunos com o professor, importante mediador humano é insubstituível no ensino educacional.

REFERÊNCIAS

- BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari Knopp. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 1994.
- BRUNER, Jerome S. *Child's Talk: Learning to Use Language*. New York: Norton, 1983.
- FERNÁNDEZ, M.; WEGERIF, R.; MERCER, Neil; ROJAS-DRUMMOND, Sergio. Reconceptualizing “Scaffolding” and the Zone of Proximal Development in the Context of

CAVAZZANI, André Luiz Moscaleski; SANTOS, Rodrigo Otávio dos; LOPES, Luís Fernando. Precarização do trabalho docente: plataformas de ensino no contexto da fábrica difusa. *Cadernos Metrópole*, São Paulo, v. 26, n. 59, p. 209–228, jan./abr. 2024. DOI: 10.1590/2236-9996.2024-5910.

POELL, Thomas; NIEBORG, David; VAN DIJCK, José. Plataformização (*Platformisation*). *Internet Policy Review*, [S.l.], v. 8, n. 4, 2019. Tradução: Rafael Grohmann. DOI: 10.14763/2019.4.1425.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Ed. Ridendo Castigat Mores, 2002. Disponível em:
<https://www.institutoelo.org.br/site/files/publications/5157a7235ffccfd9ca905e359020c413.pdf>. Acesso em: 7 ago. 2025.

WOOD, David; BRUNER, Jerome S.; ROSS, Gail. *The role of tutoring in problem solving*. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, [S. l.], v. 17, n. 2, p. 89-100, 1976. DOI: 10.1111/j.1469-7610.1976.tb00381.x.

HYLAND, Ken. *Genre Pedagogy: Language, Literacy and L2 Writing Instruction*. *Journal of Second Language Writing*, 16, 148-164, 2007.

